O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 36.º — Sábado, 13 de Março de 1943 — N.º 1775

VISADO PELA CENSURA

FALTA DE ESPAÇO

Devido à homenagem que prestamos à memória do dr. Lourenço Peixinho deixamos de inserir esta semana a *Crónica Alfacinha*, a *Carta de Lisboa* e outros originais que ficarão para o próximo número.

Que nos descalpem os seus autores.

Procissão da Cinza

Como era de prever, veio na quarta-feira muitíssima gente de fóra presencear o importante cortejo religioso, que percorreu o itinerário do costume.

O dia esteve explêndido, lindíssimo, verdadeiramente primaveril.

Dr. Lourenço Simões Peixinho

A morte acaba de aniquilar uma das mais preciosas vidas que Aveiro possuia, tantos foram os serviços prestados à cidade como presidente da Câmara Municipal e Provedor da Santa Casa da Misericórdia

As honras fúnebres atingiram uma eloqüente demonstração de saüdade e de reconhecimento

Morreu o dr. Lourenço Peixinho!

A notícia, recebida inesperadamente, quando se sabia que já marchava convalescente dos seus padecimentos, surpreendeu e impressionou.

Mas a morte, que não perdôa a ninguém, rondáva-o. E lá se foi o bom amigo e o grande e nobre aveirense, que deu à sua terra, durante muitos anos, o melhor da sua alma e do seu perseverante esfôrço.

Como jornalista, como nacionalista e como admirador das suas extraordinárias faculdades de acção e de iniciativa, mais duma vez, em público, puz em relêvo a sua valiosa e prestante individualidade.

Fóra destas posições objectivas, eu considerava-me seu verdadeiro amigo.

Muitas vezes, sem ele mesmo o saber, o defendi da sanha feroz da mentira, da intriga, da inveja, da calúnia, enfim das pequenas misérias da vida, que infelizmente abundam no nosso país, para vergonha da nossa inteligência e da nossa alma.

Misérias do cego e estreito partidarismo!

Enquanto estive em Aveiro, recebi sempre dele as maiores provas de consideração e de estima.

Mas, deve dizer-se, que nêste capítulo, o doutor Lourenço Peixinho era um aveirense ilustre e distinto.

Era correcto, educado, recebia bem, honrava indiscutívelmente a sua pessoa e a sua querida cidade de Aveiro.

Foi, sem dúvida alguma, um grande e notável presidente da Câmara. Era um criador e um construtivo. Aveiro deve-lhe muitas das suas obras fundamentais.

O futuro prestar-lhe-á inteira e absoluta justiça, talvez, até, uma justiça muito maior de que aquela que lhe estamos prestando nêste momento doloroso.

Muitas vezes os homens que ocupam posições de destaque e que se conservam nelas durante anos, afrontam, fazem perder aos espíritos que os contemplam, a serenidade e a claridade. Nem a morte e as afrontas desaparecem. Se era uma sombra, a sombra dissipou-se. Se havia injustiças, aí vem o equilíbrio da justiça apagá-las.

Era estruturalmente nacionalista. Mas tolerante, generoso, odiando, por temperamento e por educação, as perseguições e as violências. Em resumo: as maldades. O Estado Novo deve-lhe inolvidáveis horas de triunfo e de prestígio.

Fez, com raro brilho, as honras da casa em muitas oportunidades políticas e tôdas as vezes que em Aveiro era indispensável receber bem, receber galhardamente. Nêste aspecto era inexcedível e dificilmente alguem o ultrapassará. Orgulhava, como ninguem, em receber hospitaleira e magnificamente as personalidades que visitavam Aveiro.

No fundo era modesto e sem vaidade. Se alguma tinha, e que era legítima, nunca me certifiquei que afrontasse fôsse quem fôsse.

Cumpria os deveres do cargo e deixava que outros dessem então largas à sua vaidade.

Serviu o Município e Aveiro desinteressadamente.

Durante anos e anos só gastou dinheiro do seu bolso.

Pode dizer-se afoitamente que hipotecou a sua energia e a sua vida aos interesses alheios, aos interesses dos outros.

Numa terra em que a carência de homens de verdadeiro mérito e valor é sensível, a falta de Lourenço Peixinho é uma realidade tangível.

Soube já tarde do triste acontecimento, o que me impossibilitou de ir associar-me às últimas homenagens prestadas a tão inclito aveirense. Aqui, ficam, porém, estas sinceras palavras amigas, ainda de todo não refeito da emoção que me causou a imprevista notícia da sua morte.

Porto, 9/3/943

J. CARREIRA

DR. LOURENÇO PEIXINHO

Os últimos momentos

Foi na luminosa tarde de domingo. Lourenço Peixinho regressava a casa dum pequeno passeio a Eixo em companhia da esposa e do filho. Um pouco fatigado descera do carro, subiu, a custo, as escadas e sentara-se. Momentos volvidos, com surpreza dos que o cercavam, já não pertencia a êste mundo porque, baldados todos os esforços da ciência para o restauro da sua precária saúde, baqueou, cerrando para sempre os olhos para nunca mais ver a sua querida terra—o seu Aveiro adorado.

Eram 16 horas e alguns minutos.

A notícia correra célere como tôdas as más novas. E Aveiro estremeceu perante a crueldade do Destino e mediu a extensão da perda sofrida.

Na câmara ardente

O escritório do extinto, volvido algumas horas, apareceu completamente transformado. A família e os amigos, que logo se apresentaram a acompanhá-la no doloroso transe, armaram ali a câmara ardente, sendo o cadáver velado durante a noite e na segunda-feira por muitíssimas pessoas de representação social.

Em volta da urna com os despojos do pranteado morto, coroas e ramos de flores, com sentidas dedicatórias, dos funcionários da secretaria da Câmara, dos funcionários de finanças e impostos, da Sociedade de Vinhos Scalabis, dos operários das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, de José Robalo e família, do dr. Vieira Gamelas, de António da Conceição, de Joaquim Lopes de Oliveira, de Trindade & Filhos, de Pedro Simões Instrumento, mulher e filhos, de D. Domitília Freitas, de António Ferreira do Vale e D. Rosa Ferreira do Vale, de D. Luisa Duarte Silva, de Jaime de Oliveira Magalhães, de Silvina dos Santos Freire Estrela Castro, de Ilda e Júlio, da família Zagalo, de Maria Augusta Melo, de D. Benedita Rodrigues Pereira de Oliveira, de Conceição e Cezarina e ainda outros de que não nos foi possível tomar nota.

Impressionante todo aquele conjunto de tristesa, de amargura, de dôr.

A cidade manifesta-se

No entretanto, Aveiro começa a demonstrar a sua amargura perante o desenlace. Na fachada da Câmara e nas sédes de todas as agremiações locais são içadas as respectivas bandeiras a meia adriça, o comércio encerra as meias portas dos seus estabelecimentos e inúmeros habitantes apresentam-se vestidos de luto.

A romagem para a Rua das Barcas inicia-se e a família de Lourenço Peixinho recebe as mais cativantes provas de quanto ele era estimado no nosso meio.

A morte do inclito aveirense passa a ser o assunto de todas as conversas. O seu nome é proferido a cada instante e, por vezes, com emoção. E justifica-se. Quem faz o que Lourenço Peixinho aí fez como médico, como presidente da Câmara e como Provedor da Misericórdia, não era de esperar outra coisa. Digamo-lo desvanecidamente.

O funeral

Nunca em Aveiro um funeral atingiu as proporções do do dr. Lourenço Peixinho. Nunca! Foi extraordinário de sentimento e de grandiosidade. Abria o cortejo, organizado às 18 horas e meia, o carro da Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, que conduzia as corôas e ramos de flores oferecidos. Após iam as duas secções do Asilo Distrital, crianças das escolas primárias e o carro dos Bombeiros Voluntários onde ia a urna coberta com a sua bandeira e a da Câmara e ladeado pelos heróicos soldados do fogo. Atrás, o sr. Luís Simões Peixinho, portador da chave, um numeroso grupo de senhoras e a multidão—uma multidão composta de alguns milhares de pessoas de tôdas as condições sociais, um mar de gente em íntimo recolhimento, silenciosa, grave, comovida.

As ruas do percurso também apinhadas, como as janelas dos prédios por onde passou, a caminho da Eternidade, aquêle que viveu, trabalhando sem egoísmos, em prol do comum, até ao sacrifício. Não exageramos. Foi assim mesmo que nós vimos, que viu tôda a gente que assistiu ao desfile.

Lourenço Simões Peixinho já teve a primeira consagração depois da morte. Outras se lhe hão-de seguir, temos a certeza de isso. Aveiro não poderá esquecer jàmais os benefícios recebidos tão abnegada e desinteressadamente. Aveiro não saberá ser ingrata. Soou a hora da justiça. Proclamemo-la e demonstremos aos estranhos o valor da sua nobre dignidade.

No cemitério

Cai a tarde. Aproxima-se o crepúsculo. Entra no campo da igualdade, para ir ocupar uma cóva modesta, como qualquer simples mortal, o féretro, deante do qual tantas lágrimas vimos deslisar pelas faces dos que se curvaram à sua passagem.

Postada quási ao fim da primeira rua, a Banda José Estêvão, sob a regência de António Lé, rompe com a marcha fúnebre de Chopin. Impressionante momento! Depois o carro pára, dando-se início aos

Discursos

Fala em primeiro logar o sr. presidente do município,

Dr. Francisco Soares

que se exprime dêste modo:

Senhores:

Em tempos já muito afastados, quando eu freqüentava a escola primária, li, num livro, uma frase que me fez grande impressão e que, depois, pela vida fora, esteve sempre presente no meu espírito. *O homem não vai todo para a sepultura; alguma parte dêle fica vivendo e viverá sempre*—dizia o meu livro de leitura escolar. E esta frase, de conceito tão profundo, tem hoje aqui a sua mais cabal aplicação, mostrando e patenteando tôda a verdade que encerra.

Lourenço Peixinho não vai todo para a sepultura. Fica vivendo e viverá sempre o seu grande nome, que há-de perdurar respeitado e admirado, ligado intimamente à sua notável obra realizada na presidência da Câmara Municipal de Aveiro durante 24 anos, obra que foi notável e muito valiosa para o engrandecimento da cidade e concelho e ligado, também, à sua extraordinária acção na provedoria da Santa Casa da Misericórdia, tendo transformado completamente o hospital, que tornou modelar e excelentemente apetrechado.

O dr. Lourenço Peixinho, dotado de extraordinária actividade e de uma fôrça de vontade sem limites, apareceu providencialmente à cidade de Aveiro quando ela e o seu concelho necessitavam de um homem de energia e acção para se entrar, aberta e resolutamente, no campo das transformações, acompanhando o progresso que a nova era, o após a grande guerra, trouxe à humanidade.

Muitas foram as suas realizações que aí ficam a atestar a sua grande actividade e inteligência: umas já concluidas, a Avenida, o Parque, a expansão da iluminação a electricidade, o Hospital, o Mercado e tantas outras que seria difícil enumerar agora; outras, esperando ainda o momento da sua efectivação, como o abastecimento de águas à cidade e o Matadouro aguardam que as estâncias superiores lhe dêem a sua aprovação. A doença, que desde há tempos minava o seu arcaboiço forte, e que nós, os íntimos, sabiamos que não lhe pouparia a vida, não o deixou ver completamente realizada tôda a sua obra e a sua grande aspiração de tornar mais linda e mais admirada a sua querida terra natal e o seu concelho.

Meus senhores:

Neste momento e neste local, é cedo ainda para se fazer tôda a justiça à obra grandiosa de Lourenço Peixinho levada a efeito na Câmara, no Hospital e em outros sectores da vida económica e social de Aveiro. Nem eu pretendo, nestas despretenciosas palavras que estou proferindo, traçar o seu perfil ou fazer o seu elogio oficial. Quero apenas trazer-lhe o meu adeus de amigo e as homenagens da Câmara de Aveiro, declarando uma vez mais aquilo que já afirmei pùblicamente em outro local: pretendo, no cargo de direcção que me entregaram e onde o vim substituir, completar a sua obra e dar, com isso, ao seu nome as honras que merece. Porque, evidentemente, essas obras são dignas de realização e contribuem para o engrandecimento do concelho. E com os desejos que a actual Câmara tem de as levar a efeito, realiza-las, queremos contribuir para que mais alguma coisa de Lourenço Peixinho fique vivendo entre nós e para que a sua memória se perpetue entre os aveirenses.

Meus senhores:

Reunimo-nos aqui para dizer o último adeus a um aveirense ilustre.

E se nos reunimos em tão grande

número é porque morreu *Alguém* que foi notável, *Alguém* cuja personalidade estava muito acima do comum dos homens, *Alguém* que pelos seus dotes e merecimentos teve jus a todo êste grandioso movimento de pesar e de simpatia pela sua memória, de saudade pelo seu desaparecimento, de agradecimento pela sua obra em proveito da grei, de homenagem ao Homem, ao seu esfôrço, à sua tenacidade, ao trabalho, ao aveirense que tanto honrou e amou a sua terra tão querida. E eu, em meu nome pessoal e em nome da Câmara de Aveiro, que aqui represento, associo-me sinceramente ao grande pesar que a todos nos punge e aqui nos trouxe.

Ao deixar neste cemitério o corpo de Lourenço Peixinho, ao despedir-me para sempre, com o último adeus, do amigo e familiar, desta figura tão franca e atraente, nolada e notável, amigo do seu amigo, um nome que encheu Aveiro durante mais de um quarto de século, eu quero que a sua memória me acompanhe sempre para me fortalecer deste sincero desejo de bem servir aquilo que ele serviu com tanto amor, tanta dedicação, tanto desinteresse e tanto sacrifício — o concelho e a cidade de Aveiro.

Tem agora a palavra o sr.

Dr. Melo Freitas

juiz do Tribunal da Relação do Pôrto:

Êste orador dirigiu-nos a seguinte carta:

Pediste-me e prometi cópia das palavras proferidas por mim no Cemitério Central, ao cair da tarde de 8 do corrente.

Escritas, porém, para que exclusivamente eu as lesse e despidas de pretensões quanto à forma, só poderiam valer pelos sentimentos que as inspiraram e lhe dessem calor ao lê-las eu.

Talvez um breve resumo te satisfaça.

Comecei assim:

Senhoras e senhores!

Meu Pai teve com o dr. Lourenço Simões Peixinho um desagradável conflito. Mas meu Pai foi um homem sincero, leal e justo, e é êle quem, dali daquêle jazigo onde repousa há 19 anos, me ordena que diga nêste momento algumas palavras.

Obedecerei.

Entrando depois no assunto, fiz notar que o nome do dr. Lourenço Peixinho significa 25 anos de trabalho, preocupações e desgostos sofridos na administração dos negócios municipais — de mistura com prejuízos que não foram pequenos. Em outros tempos, a par das honrarias, o cargo não dava quaisquer compensações de ordem material.

Através de um longo e penoso mandato, o dr. Peixinho revelou dedicação inabalável e fôrça de vontade a tôda a prova. Quando aparecerá de novo alguém que se julgue capaz de desenvolver actividade que se compare e de ter pela nossa terra um mais profundo amor?

Forçosamente, a obra realizada há-de apresentar defeitos, não está isenta de êrros. Para pesquizá-los oferece-se o vasto campo de 25 anos de ininterrupto labor, e os críticos, à semelhança dos pobres, andam sempre atrás de nós!

Por felicidade, pode pôr-se tudo na balança, bom ou mau. Apuradas as contas, sem quaisquer reservas, o saldo a favor do dr. Peixinho é muito grande.

Desinteressadamente, fez o melhor que soube, e isso lhe bastou, pela satisfação provinda da consciência — mas cumpria-nos agradecer-lhe e louvá-lo pelo exemplo de amor e pelos benefícios notáveis que Aveiro lhe fica devendo.

E' de lamentar que não se proporcionasse oportunidade de ainda em vida do dr. Peixinho se lhe traduzir suficientemente quanto lhe somos gratos.

A conhecida quadra diz, salvo êrro:

«Sino... coração da aldeia;
Coração... sino da gente:
—Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente!»

O coração do dr. Peixinho sentiu e, portanto, bateu. De tanto sentir e bater se cansou, parando para nunca mais bater... nem sentir!

Aveirense apaixonado pela terra em que nasci, filho de Joaquim de Melo, eu não poderia deixar de dizer ao dr. Lourenço Peixinho êste último adeus.

Quando, transposto o portão do Cemitério, começámos a ouvir, em tom discreto, a marcha fúnebre de Chopin, que uma das bandas da cidade, postada a um dos lados da avenida de plátanos, executava em derradeira homenagem ao nosso querido conterrâneo, vimos bem, nos olhos de todos, que Aveiro sabe fazer justiça!

O resto não importa.

Ao teu dispor

Jaime de Melo Freitas.

11-3-943

A oração do nosso ilustre colaborador

Dr. Alberto Souto

Pagou o seu tributo à Morte!...

E a Morte arrebatou-o, levando o seu espírito para os confins do Mistério, deixando-nos, para o darmos à consumpção da terra, o seu corpo finalmente e infelizmente vencido e inerte. O seu corpo fôra robusto, sádio, varonil e forte como poucos. Como de poucos, fôra a sua alma febril de aveirense, agitando-se na ânsia de ser prestável, de renovar, melhorar, engrandecer e honrar a terra que lhe foi berço. Desta simbiose entre um espírito impregnado da vontade de ser útil e do amor da sua terra e um corpo capaz de servir com vigorosa saúde, a energia, a iniciativa e o dinamismo do seu temperamento, resultou uma vida singular e ilustre pela sua actividade no decurso de um quarto de século. Inteligência vivíssima, pronta e hábil; carácter inquebrantável e tenaz; alma liberal, generosa, rasgada e resoluta, estas qualidades juntas ao seu vigor físico, fizeram o homem de acção que valia por muitos homens e supria as deficiências de tudo e as faltas de todos. Em 25 anos de serviço público, lutando muitas vezes com a escassês de recursos e a miséria das dotações, na Santa Casa da Misericórdia e na Câmara Municipal; colaborando na Junta da Barra e nos Socorros a Náufragos; em inúmeras comissões e emprêsas particulares e na sua vasta clínica, êle desenvolveu uma acção prodigiosa que os anos devoraram sem descanso.

Está em tudo e em tôda a parte. Pensa e organiza; derruba e ergue; arraza e constroi; melhora e administra; vence inércias, oposições, contrariedades, invejas, malquerenças; torneia e supera obstáculos; salta por cima das opiniões, dos rogos ou dos interesses dos amigos; afasta os anseios dos apaniguados; luta com os adversários; despreza os doestos e as diatribes; derrota os inimigos, e passa e segue e realiza uma obra que engrandeceu a cidade e mais vai avultar agora com a sua Morte.

Foi um grande aveirense, foi um grande cidadão, foi um português de tempera, de tempera de aço, lidimo entre os ilustres que no primeiro e segundo quarteis do século XX reformaram e renovaram o viver nacional pelo rasgo dos grandes melhoramentos.

Quem assim é e assim procede e trabalha, levanta oposições, despeitos, inimizades, ódios. Não admira. Estas compleições morais concentram energias que quando dispersas e rarefeitas nada de extraordinário produzem porque se dissolvem na vulgaridade.

São como remoinhos ciclónicos que tivessem uma finalidade construtiva e um objectivo criador, mas que levantam ao céu as poeiras, os destroços e os clamores do que destroem e do que ferem dos que magoam ou atemorizam e molestam na sua passagem. As águas em nivelada quietude não movimentam centrais nem geram electricidade. Os génios e os homens não geniais, mas de singular engenho; os reformadores, os edificadores de sistemas, os grandes empreendedores são, quási sempre como nuvens procelosas que despedem centelhas e soerguem esconjuros e acrimonias.

Passa a tempestade e reconhece-se, por vezes, que foi benfazejo o seu abalo.

Discutido, combatido e atacado, todos os seus pares o foram sempre.

Como renovar de aspecto uma cidade acanhada e tímida como Aveiro era há 30 anos, com o espaço essencial tomado pelos particulares, com hábitos inveterados de marasmo, sem levantar celeumas e malquerenças? Como singrar sem oposições, sem críticas, sem ataques, sem lutas, sem divergências?

Lourenço Peixinho compreendia isto, tinha o fenómeno por natural e não se detinha. Punha os problemas em equação, resolvia-os e realizava os seus planos, deixando para trás os dessídios, os ataques e os vitupérios. Porém os resíduos dessas lutas acumulavam-se-lhe sôbre o coração!... Sacrificou, assim, à causa pública, aos interêsses gerais, à cidade de Aveiro, o seu socêgo, o seu confôrto, a sua saúde, o seu interêsse pessoal, dando-se à sua obra com abnegação inegualável.

Tem defeitos essa obra? Sem dúvida; mas seria infantil demonstrar que nenhuma obra humana dêles é isenta.

Eu mesmo lhe apontei muitos e fui, por vezes, ao contrário do que se pode ter julgado, um crítico impiedoso de algumas das suas decisões. Mas acima das nossas políticas, críticas e divergências, respeitei sempre o seu nome, estimei a sua pessoa, apoei a sua acção, porque era o meu dever de amigo e de aveirense. É que a sua figura elevava-se cheia de prestígio acima de nós todos, aureolada por uma desenvoltura excepcional e por um valor que impunham admiração, respeito e gratidão a todos. Por isso as minhas palavras são a gratidão de um aveirense!

* * *

São gratidão de aveirense as minhas palavras! Porque êle dotou a cidade com êsse Hospital magnífico que o visconde de Silva Melo começou, mas que êle concluiu e elevou à alta categoria que hoje tem. Porque êle rasgou essa avenida que representou uma cidade tôda nova das mais alegres e risonhas de Portugal. Porque êle acabou de transformar o velho largo da Cadeia numa praça à altura dos seus desígnios.

Porque êle arrancou de umas terras de lameiro um Parque que, sendo agradável e higiénico recreio da população, é um dos mais belos do país e cujo elogio tantas vezes tenho escutado aos visitantes. Porque êle criou e sustentou uma biblioteca pública de cultura popular, uma colónia balnear infantil, assistências escolares, uma sopa de pobres; porque dotou a cidade com marcos fontenários e lavadouros; porque lançou as bases, dificílimas aliás, do abastecimento definitivo de águas potáveis, de um mercado e de um matadouro e porque fez uma clínica desinteressada em que as classes pobres tiveram o melhor quinhão.

E porque, além de inúmeras obras e serviços materiais, nunca esqueceu os valores morais que constituem o escrínio do espírito local e são, e devem ser, o objecto do culto do nosso civismo! Os grandes nomes de Melo Freitas, Jaime de Magalhãis Lima e Luiz de Magalhãis foram homenageados condignamente pela sua Câmara. As comemorações do centenário de 1928 tiveram nêle, como todos os fastos locais e tantas solenidades patrióticas nacionais e como a representação briosa de Aveiro na terra alheia, um obreiro primacial e sempre vigilantes do seu brilho e dignidade. Todos os grandes empreendimentos locais dos últimos 30 anos tiveram a sua acção directa ou encontraram o seu apoio, a sua colaboração, o auxílio decisivo do seu valimento, que foi particularmente precioso quando do movimento em defeza do distrito e em prol das obras da Barra e Ria de Aveiro, devendo contar-se o seu nome entre os que mais fizeram pela solução dêsse nosso magno problema.

* * *

São gratidão de aveirense as minhas palavras! Mas não podem deixar de ser, também, gratidão pessoal, pelo muito que por mim fez em horas de perigo e amargura, sabendo êle bem que eu não abdicava de opiniões contrárias às suas, sempre que para tal se dava azo.

É que êle tinha, no seu fundo, a generosa tolerância e a grandeza de ânimo que formam o apanágio da educação e da liberdade aveirenses, suprema virtude que tem feito triunfar a bondade do coração desta terra no meio dos desvarios, das vehementes lutas políticas e pessoais do nosso tempo.

Honra lhe seja que lutando, defendendo-se com energia, embora, nunca usou da vindicta, nem conheceu o ódio como arma própria, nem mesmo quando foi vítima dêle, nem despediu golpes de retaliação, quando as mais mordazes críticas lhe atingiam a obra pública ou o nome pessoal.

Medularmente aveirense no amor à claridade da alma do nosso povo e na paixão por esta paisagem que nos envolve o corpo e modela o ser, havia até no pitoresco de algumas das suas expressões um ancestro familiar do mesmo povo donde êle se elevou na vida para ao seu seio voltar nesta comunidade da terra em que dormem para sempre as gerações.

Em tudo aveirense, foi um dos grandes entre os grandes aveirenses...

Veio a Morte buscá-lo agora, depois da doença lhe minar o arcaboiço por um terrível sofrer. Contados os seus defeitos, que saldo enorme de virtudes e de valor, de melhoramentos, de serviços e benemerências que ficamos a dever à sua memória!

As minhas palavras são a gratidão dos aveirenses!

Dr. Querubim Guimarães

Senhores:

Breves palavras que traduzem apenas uma parcela do meu sentimento.

Vimos acompanhar à última morada êste involucro mortal em que, na passagem pelo mundo, se agasalha a alma — essência espiritual que à terra não volve, porque da terra não é — os despojos de um homem que encheu com o seu nome um quarto de século da história de Aveiro.

Romagem de dôr, de saüdade e de gratidão ao mesmo tempo, o que nos reúne a todos no cumprimento doloroso de um dever que não é só imposto pelo coração, porque o é também pela razão e pela consciência.

Á volta desta urna não se vêem só os amigos do dr. Lourenço Peixinho, aqueles que, como eu, e tantos mais que eu, lhe devem, numa camaradagem de muitos anos, provas inequívocas de estima, de dedicação, de uma amizade nunca interrompida, nem sequer desmerecida.

Reünem-se, também, por imposições do seu coração reconhecido, os que à sua desinteressada perícia de clínico distinto, que foi e que poderia ter atingido culminâncias se ao seu labor profissional o não fôra arrancar a paixão pela sua terra e a atracção do serviço público em prol do comum, deveram a saúde e a vida.

Estão ainda junto destas táboas simples, que êle quiz que fossem o último abrigo do seu corpo para descer à terra sem pompas nem grandezas — impertinente rumor, por vezes, de um orgulho que a própria Morte não sabe esquecer e que foi defeito que nunca poluiu o carácter do homem cuja perda pranteamos — os que têm a estimulá-los nesse acto de público reconhecimento, o imperativo da consciência colectiva de uma terra que deve a Lourenço Peixinho inesquecível gratidão.

Ele, com o seu nome, com a sua acção em benefício da nossa terra em tantos anos de enternecida dedicação — amor vivo e perene que era a sua principal preocupação, diria verdadeira obsessão, à frente da Câmara como à frente da Misericórdia, realizando uma obra que não tem a igualá-la nenhuma outra dos que o precederam, a-pesar-do muito que fizeram — projectava em todo o país, em notável realce, o próprio nome de Aveiro.

Tempos houve, e bem perto de nós para o sentirmos, que Aveiro era o Dr. Lonrenço Peixinho e, quando lá fora nesta terra se falava, dela não podia alhear-se e logo, ao contrário, pelos estranhos lembrado era êsse nome, como possível não sendo separá-los um da outra.

Uma verdadeira simbiose associava o homem, pelas suas benemerências e entranhado amôr à terra em que viu a luz do dia e que o conta entre os seus filhos mais ilustres e, sem dúvida, o mais notável obreiro do seu progresso nestes últimos 25 anos.

Os homens, e sobretudo os homens públicos, precisam de ser vistos a distância para que justiça se lhes faça.

Como certas paisagens que deslumbram ou obras de arte de notável realce, só de longe podem ser notados ou apreciados.

Olha-se-lhes, quando muito de perto, mais para os defeitos que para as virtudes, apreciando-os no pormenor em vez de se observarem no conjunto.

Por muito que esta notável romagem de dôr possa desmentir o asserto, êle subsiste como verdade irrefutável.

* * *

Não é êste o lugar nem o momento azado para aquela consagração a que a sua memoria tem jus, mas creio bem que nenhum dos que me ouvem e mesmo os que cá não vieram por não poderem ou até por não quererem, pondo a mão na sua consciência, não deixarão de confessar:

—Na verdade Aveiro perdeu um grande homem.

Matou-o o coração e foi ao serviço da terra, que êle tanto amou, que o coração foi perdendo, pouco a pouco, a seiva que alimentava o roble e num dado momento, num suave e imperceptível murmúrio de saüdade e de despedida, o fez tombar.

Respeitemos sempre a sua memória querida, como lição e como exemplo.

Por último diz o sr.

Dr. Jaime Duarte Silva

O epílogo, o triste e desalentador epílogo de uma tragédia que vem durando há anos — a morte, perdoem-me, do melhor aveirense dos tempos que atravessamos e do maior amante da terra em que nasceu e que amava acima de si próprio.

Meus senhores: não se vive indiferentemente durante mais de meio século uma grande amizade. Êsse período, notável, de tempo, faz com que nos apercebamos de todos os seus defeitos e virtudes, de todos os seus talentos, de tôdas as suas qualidades, do quilate do amigo e do quilate do cidadão. E, porque o facto, desgraçadamente, se deu comigo, eu sou aqui o que, por dever, tenho de não fazer um vulgar panegerico, mas o louvamento daquelas qualidades máximas na vida para que nos impunhamos durante ela e depois deixem perdurar a sua memória.

Dizem-me que a Câmara Municipal de Aveiro quis tomar conta dêste funeral, para homenagear a memória do grande cidadão. Cumpriu o seu dever, embora tardiamente porque era em vida que êle merecia uma grande homenagem. Sei que a família muito agradecida ao desejo manifestado, preferiu que êsse acto fôsse delineado pela sua própria e maior saüdade e pelas bençãos pessoais dos aveirenses ao seu conterrâneo, que foi ilustre, que foi grande e que é insubstituível.

Andou com respeito pela sua memória, cumpriu disposição que lhe foi deixada, essa família que chora no momento, como chorara a vida inteira, o seu querido chefe e aqui estamos nós em magna gratidão, os seus amigos e os seus admiradores, para o prantear.

Dêle, nêste momento, não quer falar o amigo nem o discípulo que com êle aprendeu e êle ensinou a amar a sua terra. Fala o admirador das suas faculdades de trabalho e direcção, da sua isenção, da sua inconcussa honra, da sua dedicação a tudo e a todos; despede-se o infimo aveirense num gesto de gratidão imorredoura.

Resulta desta determinação da Providência, que foi a sua morte, o rebaixamento que de há anos a esta parte se nota nos arraiais desta pobre terra, que foi notável pelos seus notáveis filhos.

Morreu um bom e morreu um grande. Ficam os insignificantes como eu, sem qualidades, sem faculdades para exercerem êsse amor à terra que os viu nascer ou se crearam *iner-muros*.

Morreu um grande e bom cidadão que marcou decididamente na vida citadina e do concelho e — pobre de nós! — que ficamos sem ninguem que o substitua!

Ninguem!

Morreu um grande aveirense! Morreu um bom aveirense!

Pelo destino da humanidade que se afunda, que perde as suas virtudes e altos sentimentos colectivos, e a sua lealdade e amor ao próximo, vai-se quem é grande, vai-se quem é bom e ficam — e eu entre êles — os insignificantes e os maus!

Terrível castigo que Deus impôs aos tristes mortais!

Lourenço Peixinho deixa uma memóque é imorredoura e que a todos os instantes lembrará.

Fecha o terceiro ciclo de grandeza para a terra e para os homens daquêles ciclos que são do meu tempo.

O primeiro encerrou-se com a morte de Manuel Firmino, homem grande e ilustre, que amou intensamente a sua terra.

O segundo fechou-o Gustavo Ferreira Pinto Basto, que procurou, e bem, o aumento moral e material de Aveiro, onde tinha contraido família, e que era representante de uma nobre geração que trouxera a esta terra renome que ainda hoje perdura.

O terceiro acabou agora. Cerra a sua porta o lidimo, mas desgraçado cidadão que aqui pranteamos e que tão ingratamente foi tratado pelos seus, direi melhor, por alguns dos seus concidadãos.

E, no entretanto, a-pesar-do fraco erário municipal, Lourenço Peixinho rompe essa formosa avenida que modificou totalmente o antigo burgo. E, entretanto Lourenço Peixinho, dentro duma terra rebelde à esmola, e pouco protegida pelos govêrnos, deixa, ali, a atestar a sua grandeza, o Hospital da Misericórdia. Para tanto a nada se poupou, e revela-se aqui o segredo de que poucos eram depositários: Lourenço Peixinho, quando era pobre, tomou responsabilidades camarárias que subiam a largas dezenas de contos. E quando, pelos seus lucros pessoais, pelo dinheiro da sua família e fortunas pagou, do seu bolso, essas responsabilidades.

Grande cidadão! Grande aveirense!

E ia a tudo e interessava-se por tudo: pela pobreza, olhem a sopa dos pobres e os lavadouros de S. Roque; pela justiça e pela honra e brio da domus municipal, não se esqueçam da reforma do Tribunal da comarca; pela instrução, lembrem-se das casas de escolas que construiu e reformou; pela benemerência, tenham sempre presente a protecção à pobreza e à desgraça concelhia.

O seu ciclo acabou, e — pobres de nós! — não se dislumbra no horizonte quem continue a sua obra, embora alguns, que poucos são — justiça de Deus e dos homens! — a tenham deprimido e aviltado.

Guardo as minhas lágrimas para quando estiver no remanso do meu escritório ou entre a minha família.

Neste momento quero só fazer justiça ao que morreu e aos que ficam. Ao que morreu, dizendo: és — querido amigo — insubstituível. Deixaste em Aveiro uma vaga que dificilmente ou, pelo menos, tardiamente, se preencherá.

Aos que ficam: recolhamo-nos aos nossos lares, reconhecendo a nossa insignificância, penitenciando-nos das nossas injustiças e maldades, e num grande e sentido arrependimento, digamos: morreu o maior e o melhor aveirense dos nossos últimos dias!

Fechou-se o ciclo do progresso que Aveiro ia sentindo, progresso moral e progresso material, por esta morte que não deixarei de prantear como a maior desgraça concelhia e citadina.

Ferido no coração que durante tempos sangrou, morreu ontem na dôce paz dos seus sentimentos pessoais e entre as bênçãos dos seus familiares e amigos, o cidadão nosso conterrâneo ilustre, o bom, grande, inegualável, de basta inteligência e amôr pela sua terra — o dr.

Lourenço Peixinho, bom entre os bons, ilustre entre os ilustres, grande entre os maiores.

* * *

Para fechar, visto não dispormos hoje de mais espaço, o que ante-ontem foi apresentado na reünião ordinária da Câmara:

Tendo falecido o insigne aveirense, Ex.mo Sr. Dr. Lourenço Simões Peixinho, que exerceu a presidência desla Câmara durante 25 anos e a cujo cargo dedicou tôda a sua vasta inteligência e grande capacidade, e sendo esta a primeira sessão ordinária depois de tão triste acontecimento, tenho a honra de enviar para a mesa a seguinte

PROPOSTA

1.º—Que à Avenida Central seja dado o nome de **Avenida Dr. Lourenço Peixinho.**

2.º—Que sejam colocadas em data a resolver, duas placas com o referido nome na mesma Avenida, em locais apropriados.

3.º—Que a Câmara mande executar essas placas de qualidade e aspecto condizente com a artéria a classificar e com o cidadão que a mandou abrir.

4.º—Que depois desta proposta votada, sejam guardados dois minutos de profundo silêncio em homenagem ao ilustre extinto.

5.º—Que das deliberações tomadas seja dado conhecimento à Ex.ma Família do saüdoso cidadão.

Aveiro, 11 de Março de 1943.

O vereador

Francisco Pereira Lopes

Aprovada por aclamação.

* * *

Resta-nos apresentar á sr.ª D. Maria Tereza Serrão Pereira Peixinho, viúva do inclito e estimado aveirense, a seu filho, dr. António Peixinho, a seu irmão Luiz Peixinho e a seus sobrinhos, João, Orlando Peixinho e Júlio Cristo a expressão sentidíssima do nosso muito pesar.

* * *

O próximo número será ainda consagrado, em parte, ao nosso chorado conterrâneo e amigo.

Recreio Artistico

Festeja na próxima sexta-feira o seu 47.º aniversário a mais antiga colectividade da nossa terra, com sede própria na Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Do programa elaborado faz parte uma missa por alma dos sócios falecidos, às 9 horas, na igreja da Misericórdia; distribuição de pão por 50 pobres, às 10, e sessão solene, ás 21, durante a qual farão uso da palavra os srs. drs. Luís Regala e David Cristo, advogados na comarca.

Para fecho das comemorações haverá um baile, na noite seguinte, organizado por um grupo de sócios, e que promete revestir-se de brilhantismo.

O Democrata desde já saúda a velha *Sociedade Recreio Artistico* e deseja-lhe as máximas prosperidades.

Teatro Rentini

—o—

O salão metálico da Avenida Dr. Lourenço Peixinho continua a registar enchentes.

Para hoje está anunciado o drama *Gaspar—o serralheiro.*

As regas nas ruas

Impõem-se por serem de inteira necessidade nesta quadra do ano.

MUDANÇA DA HORA

E' logo à meia noite que os ponteiros avançarão 60 minutos, conforme foi determinado superiormente.

Cumpra-se.

BAILES

Realizaram-se durante o Carnaval, no *Club Mário Duarte, Recreio Artistico* e *Club dos Galitos*, imprimindo-lhes certo realce os trajes, próprios da época, com que se apresentou o elemento feminino.

Atenção para a 4.ª página

Produzir e poupar é um dever nacional.

A batata é um alimento económico que convém utilizar em substituição de outros géneros de mais difícil ou onerosa aquisição.

É imprescindível alargar a área da sua cultura para garantir êste alimento à Nação.

Não demore a sementeira, aproveite a sazão das suas terras.

Não esqueça que o nitrato de sódio pode ser aplicado, com vantagem, em muitas terras.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, o sr. major Joaquim Geraldes, residente em Coimbra; no dia 15, o menino João Evangelista, filho do sr. João Evangelista de Campos, e o sr. tenente Luís da Paula Santos, actualmente em Luanda (África Ocidental); em 16, a sr.ª D. Regina da Luz Faria e o sr. Artur Amador, de Eixo; em 18, as sr.as D. Maria Leonor Machado da Cruz, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, e D. Maria Isolina Vidal, filha do nosso malogrado amigo dr. António Lúcio Vidal, de Vagos, e em 19, a sr.ª D. Cândida das Dores Duarte Peixinho, esposa do sr. Jerónimo Peixinho, e os srs. José Augusto Martins Taveira e António José Nunes Rangel, activo comerciante do próximo lugar de Aradas.

Casamentos

Na Sé Catedral efectuou-se no último sábado o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Brigida de Pinho com o sr. Camilo Tomaz Marques da Silva Vieira, filho do nosso amigo Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino desta cidade.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva e como representantes de seus pais, ausentes na América do Norte, a sr.ª D. Isabel Dias Conde e Cunha e o sr. Armando Gouveia da Cunha, e pelo noivo a sr.ª D. Maria da Luz de Almeida Neves e marido o sr. Joaquim Vicente Duarte das Neves, digno escrivão de Direito. As alianças eram conduzidas pela encantadora Maria Irene Novais Cruz, filha do sr. dr. Novais Cruz, professor do nosso liceu; à cauda do vestido da noiva pegavam as meninas Nália e Clélia e serviam de damas de Honor, as gentis Maria Beatriz Marques da Silva Vieira, Maria da Glória Castilho, Horácia de Pinho, Noémia Sá Coutinho e Ana Margarida Cunha.

Assistiram numerosos convidados alguns vindos de fora, aos quais foi servido, na residência dos pais do noivo, um abundante e fino copo de água que serviu de pretexto a que se fizessem brindes, enaltecendo as qualidades dos recem-casados que no mesmo dia de tarde partiram para o norte em viagem de núpcias.

O Democrata *deseja-lhes as maiores venturas, como são merecedores.*

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade a sr.ª D. Marília da Rocha Pereira, professora em Colmeias (Leiria) e os srs. Júlio Costa Júnior e esposa, do Porto; Francisco Duarte, chefe de conservação de estradas em S. João da Madeira; Artur Calisto, aluno da E. C. S. de Agueda; Marcelino Gonzalez Peña, residente em Almoster e António Augusto Martins, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company de Coimbra, e com sua esposa e filhos, o tenente José Nogueira da Costa Branco que há pouco regressou de Luanda a Lisboa.

—Retirou para a capital o sr. Domingos Beja da Silva, que, como delegado da Comissão Reguladora do Comércio de Arroz, residiu entre nós algum tempo.

Agradecemos-lhe a gentileza dos seus cumprimentos de despedida.

—Veio passar alguns dias a Aveiro o sr. tenente Gumerzindo da Silva, em serviço nos Açores.

Doentes

Está outra vez com gripe o nosso ilustre colaborador dr. Alberto Souto, a quem desejamos completo estabelecimento.

—Foram operados da apendicite a menina Judith da Apresentação Graça, filha do sr. José Gonçalves da Graça e o sr. João Baptista Guimarães, empregado na Portugal e Colónias.

Encontram-se em convalescença.

Produzir e poupar é contribuir para a solução do problema dos abastecimentos.

Criar coelhos é garantir o fornecimento doméstico de carne e assegurar uma fonte de receita—carne e peles.

Os resíduos da horta e da cozinha podem ser aproveitados na alimentação dos coelhos a par de ervas, fenos, mato verde, tubérculos e raízes.

A água é necessária ao coelho e por isso se lhe deve facultar água límpida e freqüentemente renovada.

A

Casa Portuguesa JOSILCAR

DE

J. SILVA CARDOSO

COM

vendas a prestações com brindes

tem

a sede em Lisboa na Rua do Salitre, 147-2.º

e

a **Filial** de **Aveiro**

na **Rua Gustavo F. Pinto Bastos, 2**

tem a honra de apresentar alguns dos seus fornecedores:

— **Chapelaria Costa,** Avenida Central, os melhores chapeus, bonets, etc.

— **Grandes Armazens do Chiado,** basta-lhe o nome.

— **Jardim das Modas,** o mais bem sortido.

— **Ourivesaria Vieira,** o mais fino gôsto.

— **Sapataria Migueis,** satisfaz o mais exigente.

— **João Velhinho,** Rua José Estêvão, o Rei dos móveis.

— **Souto Ratola,** artigos de escritório, etc. só tem o que é bom.

A nossa organização é honesta e ser-lhe-á útil

Companhia de Seguros

"Confiança"

CAPITAL 2.000.000$00

Sede no Porto: R. Monsinho da Silveira, 302 = Tele{ fone 7320 / gramas FIANÇA

Cobre os riscos de desastre e morte em

GADO BOVINO E CAVALAR

Efectua também seguros nos ramos

Marítimo, Transportes, Automóveis, Vidros e Cristais

AGRÍCOLA

ACIDENTES PESSOAIS E INCÊNDIO

Dr. Nogueira de Lemos

MÉDICO

Ex-Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis de Lisboa

Clínica Geral

Consultas todos os dias uteis das 15 às 18 horas

Avenida Central

(Junto do Mostruário Aleluia)

Assis Pacheco

Médico pela Universidade de Coimbra

GRAVIDEZ—PARTOS

CLINICA GERAL

Raios ultra violetas e infra-vermelhos

Consultório:

L. Miguel Bombarda, 45-1.º (Tel. 1076)

Residência:

R. Guerra Junqueiro, 118 (Tel. 1241)

COIMBRA

Agência Comercial e Industrial de Aveiro, L.da

Rua de José Estêvão, n.º 14—Tel. 246

Encarrega-se da montagem de instalações eléctricas de luz e fôrça

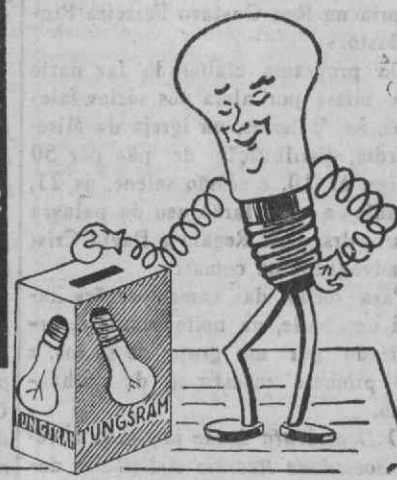
Consultem os seus preços. —— Orçamentos grátis.

FÁBRICA ALELUIA

CANAL DA FONTE NOVA

AVEIRO

Azulejos brancos e pintados	Louças decorativas
Azulejos em côres majólicas	Louças sanitárias
Azulejos artísticos	Louças domésticas

TELEFONE 22

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

2.ª publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da comarca de Aveiro, primeira secção — primeira Vara — correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a requerida Adelaide de Oliveira Carvalho, casada, doméstica, moradora no largo da Oliveira, da cidade e comarca de Guimarães, para no praso de cinco dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária, requerido por seu marido António Martins Carronda, guarda de polícia de segurança pública, de Aveiro, para o fim de instaurar uma acção de divórcio litigioso.

Aveiro, 26 de Fevereiro de 1943.

O Chefe de Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

Verifiquei

O Presidente da Assistência Judiciária

Fernando Moreira

Lotário F. Neves

ALFAIATE

Diplomado, com distinção, pelo Instituto Superior de Corte, : : : do Pôrto : : :

Confecções para Homem e : : : Senhora : : :

Rua João Mendonça

AVEIRO

Dr. Abílio Justiça e Dr. Cunha Vaz

MÉDICOS ESPECIALIZADOS EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS—Em Aveiro, tôdas as sextas-feiras, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 15,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Visconde da Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia

Vidraça

Depositários de petróleo e gasolina

SHELL

Rua Eça de Queirós

AVEIRO

Quintinha

Compra-se com casa, com comodidades, nesta região ou próxima.

Dirigir a *Pimentas & C.ª L.da*, Rua do Almada, 167-1.º—Porto.

Casa Vende-se, com r/ch. e 1.º andar no lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira. Pertenceu ao falecido João Simões Instrumento.

Tratar com Abel Gonçalves, em Esgueira, ou João Joaquim de Oliveira, residente em Lisboa, Costa do Castelo, n.º 67, s/cave.

Parteira diplomada

Alcinda Machado

PARTOS E TRATAMENTOS

— Rua da Manutenção Militar, 13 —

COIMBRA—Telefone 3.130

Casa Vende-se em Ilhavo, na Rua João de Deus, onde funcionaram os serviços dos C. T. T. Falar com D. Joana Rosa Malaquias Pereira, Rua da Liberdade—Aveiro.

Bom local para Café-Restaurante

Aluga-se casa apropriada na Avenida Central, próximo à estação. Tratar na mesma com António Marques Frias.

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em língua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	ONDAS CURTAS	
5,15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s
7,45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9,45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11,45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15,45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15,45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17,45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19,45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
20,45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
23,15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

(Emissões diárias)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA